

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE VITIMIZAÇÃO POR VIOLÊNCIA CONJUGAL E DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DEPRESSIVO NO BRASIL

ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN VICTIMIZATION BY CONJUGAL VIOLENCE AND DIAGNOSIS OF DEPRESSIVE DISORDER IN BRAZIL

Evandro Camargos Teixeira¹

Laís de Sousa Abreu Soares²

Fernanda Rayol Campana Pires³

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a relação entre a violência doméstica contra a mulher autodeclarada e o diagnóstico de depressão no Brasil. Para tal, foram utilizados microdados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, contendo informações sobre domicílios, além do acesso e utilização dos serviços de saúde. Os dados obtidos foram explorados por meio da estimação de um modelo econométrico Probit. Como resultado, observou-se que mulheres vitimizadas pela violência doméstica eram mais propensas a serem diagnosticadas com depressão, o que representa uma contribuição para o estado da arte relacionado ao tema.

Palavras-chave: Violência conjugal; Transtorno depressivo; Brasil; Probit.

Abstract: The article aims to analyze the relationship between self-reported domestic violence against women and a diagnosis of depression in Brazil. To this end, microdata from the 2019 National Health Survey was used, containing information on households, as well as access to and use of health services. The data obtained was explored by estimating a Probit econometric model. The results showed that women victimized by domestic violence were more likely to be diagnosed with depression, which represents a contribution to the state of the art on the subject.

Keywords: Marital violence; Depressive disorder; Brazil; Probit.



ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO COM UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS - ATRIBUIÇÃO-NÃOCOMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL.

1 Doutor em Economia Aplicada - Universidade de São Paulo; Professor Associado II - Universidade Federal de Viçosa; E-mail: evandro.teixeira@ufv.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6470-2103>.

2 Doutoranda em Economia Aplicada Universidade Federal de Viçosa; E-mail: lais.abreu@ufv.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1869-6259>.

3 Mestranda em Economia Doméstica - Universidade Federal de Viçosa; E-mail: fernanda.r.pires@ufv.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8138-9876>.

A violência doméstica contra a mulher é definida enquanto um ato que ocasiona danos físicos, sexuais, psicológicos, patrimoniais e letais na vida da vítima, acontecendo no âmbito privado da residência familiar. Esse tipo de violência ainda se caracteriza pelo fato de o agressor conviver no mesmo ambiente e possuir vínculos afetivos com a mulher agredida (Brasil, 2006; Nascimento *et al.*, 2019).

No presente estudo, discute-se especificamente a dimensão da violência conjugal no âmbito da violência doméstica contra a mulher, já que conforme dados da Organização Pan-Americana de Saúde (2018), o perfil dos agressores é majoritariamente maridos ou ex-maridos. O caso brasileiro segue essa tendência, visto que no país os cônjuges estão entre os principais atores da perpetração dessa forma de violência, representando 49% das ocorrências (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2015).

Essa forma de violência é atemporal, sendo baseada no sistema patriarcal, onde os homens podem dominar e controlar as mulheres, perpetuando violências contra elas, podendo até levá-las à morte. Contudo, a partir da década de 1960, o movimento feminista tornou-se mais proeminente, com diversas manifestações evidenciando que as mulheres não aceitavam mais a mortalidade e a violência que as acometiam (Araújo, 2022; Silveira, 2023).

Após negligenciar a discussão sobre a violência doméstica, o governo brasileiro criou duas leis, que visam prevenir a violência, proteger a integridade das vítimas e punir os agressores – a Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha e a Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015, que trata, mais especificamente, sobre questões relacionadas ao feminicídio. Essas leis foram implantadas por meio de lutas feministas e se tornaram primordiais para o combate à violência doméstica contra a mulher no país (Brasil, 2006; Brasil, 2015).

Tendo em vista sua gravidade, o fenômeno da violência doméstica contra a mulher, particularmente a violência conjugal, tem sido cada vez mais debatido na literatura, levando em consideração que ele se configura como uma questão de saúde pública, social e econômica. Entre suas consequências físicas, sexuais e psicológicas incluem-se as lesões físicas, a gravidez indesejada, os abortos, as infecções sexualmente transmissíveis, o alcoolismo, o tabagismo, a insônia, a ansiedade, os transtornos alimentares, o estresse e, principalmente, a depressão (OPAS, 2018).

Nesse sentido, alguns estudos nacionais apontam que mulheres vitimizadas são mais propensas a desenvolverem transtorno depressivo em comparação com aquelas que não sofreram violência doméstica (Silva *et al.*, 2015, Senicato; Azevedo; Barros, 2016, Santos; Monteiro, 2018). Para

obtenção desses resultados, foram utilizadas majoritariamente entrevistas e questionários (Gomes *et al.*, 2012, Silva *et al.*, 2015, Correia *et al.*, 2018, Guimarães *et al.*, 2018, Lajara, 2018), sendo priorizadas análises qualitativas sobre as experiências das mulheres vitimizadas, delimitando os estudos por meio das narrativas delas.

Para além de produções nacionais, este é um tema amplamente debatido internacionalmente, visto que é uma problemática discutida mundialmente. Sendo assim, no geral, os estudiosos sobre o assunto apontam que quando a mulher está exposta ao cenário violento, os agravantes em sua saúde mental aumentam e podem ter como consequência um quadro de transtorno depressivo (Watkins *et al.*, 2014, Lövestad *et al.*, 2017, Mugoya *et al.*, 2017, Abass; Baiee; Al-Hadrawi, 2018).

A partir dos fatores elencados, esta pesquisa tem como objetivo central verificar se as mulheres que declararam ser vitimizadas têm maior probabilidade de serem diagnosticadas com transtornos depressivos em relação às mulheres não vitimizadas, por meio da base de dados da Pesquisa Nacional de Saúde do ano de 2019.

Para alcançar esse objetivo, este trabalho utiliza-se da abordagem quantitativa, progredindo na literatura brasileira por não ser uma metodologia comumente usada nos estudos realizados no país sobre essa temática. Nesse sentido, evidencia-se na literatura nacional uma escassez de trabalhos que utilizem dados quantitativos e que tangem à relação entre vitimização por violência doméstica contra a mulher e diagnóstico de transtorno depressivo. Dessa forma, este estudo pode contribuir para a ampliação da produção científica brasileira acerca do tema, avançando na utilização de dados recentes e importantes sobre as condições de saúde mental e violência no Brasil.

A partir disso, os resultados desta pesquisa podem contribuir para a formulação de políticas públicas de atendimento integralizado às mulheres violentadas, principalmente na área da saúde mental, qualificando também os profissionais que as acolhem. Para atingir seus objetivos, o trabalho se estrutura nesta introdução, em evidências empíricas, seguida da seção metodológica, resultados e discussão e, por fim, as considerações finais.

1 Evidências empíricas

Estudos que analisam a associação entre o acometimento por depressão e violência doméstica que as mulheres vivenciam são fundamentais devido à possibilidade de produção de conhecimento no âmbito da saúde mental e dos direitos das mulheres. Para tanto, esse tema tem sido estudado nacionalmente e internacionalmente devido à complexidade de fatores envolvidos nesses processos. Por ser um assunto atual e multifacetado, os pesquisadores recorrem a análises qualitativas e quantitativas sobre a experiência violenta na vida de mulheres e como esta impactou seu estado de saúde mental, provocando consequências graves em termos de sofrimento psíquico e desenvolvimento do transtorno depressivo.

Desse modo, destaca-se o trabalho de Labra-Valerdi, Chacón-Moscoso e Sanduvete-Chaves (2022), no Chile, expondo os fatores de risco e os fatores de proteção que as mulheres vítimas de violência doméstica enfrentaram. Os fatores de risco seriam aqueles que contribuíram para o agravamento da violência e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do transtorno depressivo, como a constante exposição ao cenário violento, os tipos de violência sofrida, a precariedade de emprego e o fato de elas terem seus filhos sob seu cuidado exclusivo. Por sua vez, os fatores de proteção seriam os auxiliares para o rompimento da violência, como a rede de apoio sólida. Nessa perspectiva, os autores relacionaram esses fatores com a violência doméstica e o transtorno depressivo. Foram encontrados resultados atrelados ao sofrimento mental na medida em que 30,7% das mulheres foram diagnosticadas com depressão grave. Esse resultado revela a deterioração psíquica das vítimas de violência doméstica, visto que essa experiência é um elemento traumatizante para as mulheres.

De forma similar, no México, Aguerrebere *et al.* (2021) propuseram a compreensão dos fatores contextuais relacionados à violência doméstica contra a mulher e a maneira que esses se relacionavam com o risco dessas mulheres desenvolverem depressão. Os resultados apresentaram incidência de 16,3% de mulheres com sintomas de depressão e 22% com ideação suicida, sendo que a probabilidade de desenvolvimento de transtorno depressivo aumentava em cinco vezes nas mulheres violentadas. Na maioria das vezes, as mulheres buscaram a tentativa de suicídio como meio de finalizar o sofrimento provocado pela situação de violência.

Ainda nessa perspectiva, Navarro-Mantas, Lemus e Megías (2021) realizaram uma pesquisa em El Salvador, evidenciando as ocorrências de transtorno mental comum em mulheres vítimas de violência. Esse transtorno é marcado pelos sintomas de depressão e ansiedade, surgindo em decorrência

da exposição à violência. Os autores constataram que 26% das mulheres vítimas de violência doméstica apresentavam sintomatologia desse tipo de transtorno, havendo progressão de pensamentos suicidas. Dessa forma, observou-se impacto significativo na saúde mental das mulheres violentadas, uma vez que elas foram mais prováveis a desenvolverem transtorno depressivo devido à vivência dessa experiência traumática.

Para além da América Latina, alguns estudos foram realizados em outras localidades. Na Inglaterra, Chandan *et al.* (2020) encontraram estatísticas que associavam violência doméstica contra a mulher ao sofrimento mental, destacando-se a depressão, com a taxa de 40,6% de diagnósticos das mulheres. Já na Austrália, Moulding *et al.* (2020) evidenciaram o transtorno depressivo em mulheres vítimas de violência doméstica, apresentando que os aspectos socioculturais, como a desigualdade de gênero, o trabalho doméstico, o cuidado, a má remuneração salarial, a pobreza, a dependência com o agressor, a baixa escolaridade e a divisão dos papéis sociais contribuíram para o aumento dos casos de violência doméstica e prejuízos no estado de saúde mental das mulheres.

Isso posto, constatou-se resultados similares encontrados entre os países da América Latina (Martínéz; Wasser, 2019, Caba *et al.*, 2019, Orrego; Hincapié; Restrepo, 2020, Guzmán-Rodríguez *et al.*, 2021), nos Estados Unidos da América (Schrag; Robinson; Ravi, 2019), no continente europeu (Chandan *et al.*, 2020, Signorelli *et al.*, 2020, Mazza *et al.*, 2021), na Ásia (Yuan; Hesketh, 2019) e na Oceania (Moulding *et al.*, 2020), no período de 2019 até 2024 de produção científica sobre a temática. Demonstra-se, então, trabalhos mundialmente reconhecidos e que são postos em pauta pelos pesquisadores.

No que tange às pesquisas nacionais, alguns autores abordaram a interface entre violência física, sexual e psicológica e o surgimento de sintomas depressivos. Constatou-se que esses sintomas foram 7,3 vezes mais prováveis de acometer mulheres em situação de violência. Esses quadros se iniciaram com sentimentos de tristeza, baixa autoestima, angústia e evoluíram ao ponto de se transformarem em um transtorno mental (Santos; Monteiro, 2018).

Outras sensações comuns experienciadas pelas mulheres violentadas foram inutilidade, compreensão de si mesma como não sendo capazes de exercer as atividades diárias, perda de interesse em relação às tarefas que antes eram satisfatórias, distorção da sua autoimagem e pensamentos suicidas (Brito; Eulálio; Júnior, 2020). Os pensamentos suicidas, particularmente, acarretaram desesperança em termos de possibilidade de que essas mulheres possam sair do contexto violento e de desvalor da própria vida das vítimas,

decidindo que o suicídio seria a alternativa para finalizar os quadros de violência (Santos, 2022).

Devido ao patriarcalismo, as mulheres se viram na posição de submissão em relação aos homens. Por essa razão, elas se sentiram culpadas pelas próprias agressões sofridas, se auto responsabilizando pelos episódios de violência. Além disso, a dependência emocional e financeira com os violentadores, fez com que elas se tornassem prisioneiras, simbólica e concretamente, nesses relacionamentos (Cordeiro, 2020).

Observou-se, portanto, o controle total e a opressão dos companheiros sobre a vida das mulheres. A constante exposição a essas violências provocou desgaste mental, levando-as ao adoecimento psicológico. (Santos, 2022; Costa, Rafael, 2021). Desse modo, tais alterações psicológicas apresentaram graves danos às mulheres vítimas de violência doméstica (Santos, Irineu, 2019; Silva *et al.*, 2020; Silva *et al.*, 2021), sendo a depressão o tipo de transtorno mais comum e de maior indecência em termos de diagnósticos realizados (Frazão *et al.*, 2019; Teixeira; Paiva, 2021; Guedes, Bispo, Nobre, 2022).

Nesse sentido, em um trabalho realizado no Brasil, por Adeodato *et al.* (2005), constatou-se que 72% das mulheres vítimas de violência doméstica apresentaram sintomas de depressão moderada ou grave, segundo a análise feita por meio do Inventário de Depressão de Beck⁴. Além de ter sido traçado o perfil das mulheres vitimizadas, concluiu-se que o baixo nível de escolaridade e renda estão relacionados à vivência da violência doméstica e ao desenvolvimento de transtornos depressivos.

Similarmente, Barros *et al.* (2015) evidenciaram a estreita associação entre ser vítima dessa violência e o risco elevado de se experimentar danos psicológicos, como a depressão e o suicídio. Dentre os sintomas mais comuns estão os pensamentos depressivos, humor alterado e baixa energia vital. Portanto, a constante exposição ao cenário violento e os variados tipos de violência sofrida contribuíram para maior incidência de distúrbios mentais nas mulheres vitimizadas, destacando-se a depressão (Mendonça; Ludermir, 2017, Silva *et al.*, 2015).

De acordo com os autores supracitados, é fundamental que os profissionais atendam às vítimas de violência doméstica com qualidade e identifiquem os sinais de agravamento do estado de saúde mental. Para

4 O Inventário de Depressão de Beck foi desenvolvido em 1961 pelo psiquiatra Aaron Beck e teve como objetivo medir a intensidade dos sintomas depressivos, verificando o estágio e o grau em que a depressão se encontra (Beck *et al.*, 1961).

tanto, esses profissionais deveriam buscar a educação continuada nas áreas em que atuam para que ocorresse a prevenção do quadro psicológico das mulheres. Ademais, adequar a realização de encaminhamentos para os serviços de proteção à mulher e de saúde mental torna-se uma ferramenta essencial. Por isso, se faz necessário o investimento em políticas públicas de atendimento integral às mulheres vítimas de violência.

Em suma, evidenciou-se na literatura associação importante entre as mulheres vítimas de violência doméstica e os casos de diagnósticos de transtornos depressivos e sofrimentos psíquicos. Além disso, questões econômicas, sociodemográficas e culturais foram consideradas como fatores que predispõem as mulheres vitimizadas a desenvolverem o transtorno depressivo.

2 Metodologia

Fonte de tratamento dos dados

Para fins desta pesquisa, utilizou-se os dados oriundos da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), do ano de 2019, disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na primeira versão da pesquisa, em 2013, os principais assuntos abordados eram a investigação de doenças crônicas no Brasil, a situação em que a saúde da população brasileira se encontrava e o funcionamento dos sistemas de saúde do país. Com o apoio do Ministério da Saúde, essa Pesquisa foi capaz de traçar uma série de indicadores sobre o caso específico da saúde no Brasil e como os fatores sociais impactam nesse contexto (PNS, 2020).

No entanto, com a modificação do cenário nacional ao longo dos anos, elaborou-se uma nova coleta de dados no ano de 2019. Assim, houve atualização recente dos módulos do questionário da PNS, no qual reformulou-se informações sobre violência doméstica, englobando a física, a psicológica e a sexual, e o estado de saúde das mulheres. Desse modo, a compreensão desse fenômeno relacionado às questões de saúde integral propicia um debate ampliado nessas áreas (PNS, 2020).

Além disso, nesta pesquisa foi considerada a complexidade amostral com a utilização de pesos nas estimações. Levando em conta que cada região brasileira possui uma quantidade diferente de pessoas, fez-se necessário que a amostragem englobasse um número representativo de entrevistados pela Pesquisa Nacional de Saúde. Sendo assim, os dados da PNS se tornaram importantes neste artigo para alcançar os objetivos propostos e contribuir

com os estudos científicos, por se tratar de um questionário representativo da população brasileira.

Estratégia de identificação

Este estudo classifica-se pela natureza quantitativa, sendo estimado um modelo econométrico Probit de resposta binária. Este compreende a probabilidade de as variáveis analisadas estarem relacionadas, utilizando-se da distribuição cumulativa para descrever a associação entre a variável binária – podendo apresentar dois tipos de resultados – e as variáveis explicativas – auxiliando na explicação dos fatores que influenciam o fenômeno analisado.

Nessa análise de regressão, tem-se a variável dummy que assume valores 0 ou 1, representando a ausência ou presença de algum aspecto, e a variável contínua que é retratada através de valores mensuráveis (Johnston; Dinardo, 1997). No caso desta pesquisa em específico, a variável dummy dependente é o diagnóstico de depressão realizado por profissionais de saúde. A escolha desse modelo é justificada pela precisão da probabilidade que este proporciona, sendo de maior interesse estatístico para a pesquisa.

O modelo Probit pode ser expresso por meio da seguinte equação de distribuição de probabilidade:

$$y_i^* = \alpha_1 X_i + \alpha_2 Z_i + \varepsilon_i, \quad (1)$$

em que y_i^* representa a variável dependente da depressão, satisfazendo a seguinte equação:

$$y_i = \begin{cases} 1, & \text{se } y_i^* > 0 \\ 2, & \text{se } y_i^* \leq 0 \end{cases} \quad (2)$$

Assim, para as mulheres entrevistadas, a variável dependente “Depressão” assume valor igual a 1 ao relatarem possuir diagnóstico de depressão e valor igual a 0 ao mencionarem não possuir o diagnóstico de depressão. No que tange às variáveis explicativas, a principal delas, referente a violência doméstica contra a mulher, considerou como proxy a violência conjugal entre casais heterossexuais, pois se enquadra na questão do sistema patriarcal, proeminente na sociedade.

Como discutido anteriormente, os ex-parceiros ou parceiros atuais são os perfis que mais violentam as mulheres. Posto isso, a base do relacionamento conjugal violento se torna a variável ideal para realizar a análise. Seguindo

o questionário da PNS, essa violência se configura como sendo aquela cometida pelo cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro ou ex-companheiro, parceiro ou ex-parceiro e namorado ou ex-namorado, acontecendo dentro das residências.

Em relação às demais variáveis explicativas, aquelas incluídas são correspondentes às seguintes características das entrevistadas: área de residência (urbana), cor, idade, ocupação, renda domiciliar per capita, níveis de escolaridade, estado civil e regiões brasileiras; vide Quadro 1. O critério de seleção para inclusão dessas variáveis foi a literatura relativa ao tema. Assim, o modelo estimado configura-se da seguinte forma:

$$\begin{aligned} \text{Depressão}_i = & \alpha + \beta_1 \text{Violência doméstica contra a mulher}_i + \beta_2 \text{Urbana}_i + \beta_3 \text{Cor}_i + \\ & \beta_4 \text{Idade}_i + \beta_5 \text{Ocupação}_i + \beta_6 \text{Renda domiciliar per capita}_i + \beta_7 \text{Escolaridade}_i + \\ & \beta_8 \text{Estado civil}_i + \beta_9 \text{Regiões brasileiras}_i + \beta_{10} \text{Filhos}_i + \varepsilon_i \end{aligned}$$

(3)

Quadro 1 - Variáveis utilizadas na estimação do modelo *Probit*.

Variável	Tipo	Descrição
Depressão	Variável dummy	Assume valor igual a 1 caso a entrevistada tenha diagnóstico de depressão; e 0 caso contrário.
Violência doméstica contra a mulher	Variável dummy	Assume valor igual a 1 caso a entrevistada tenha sofrido, nos últimos doze meses, qualquer tipo de violência, por parte de cônjuge, companheiro, ex-cônjuge, ex-companheiro, parceiro, namorado, ex-parceiro ou ex-namorado; e 0 caso contrário.
Urbana	Variável dummy	Assume valor igual a 1 caso a entrevistada resida em área urbana; e 0 caso resida na área rural.
Cor	Variável dummy	Assume valor igual a 1 caso a entrevistada se identifique como preta, parda ou indígena; e 0 caso se identifique como branca ou amarela.
Idade	Variável contínua	Idade entre 18 e 107 anos
Ocupação	Variável dummy	Assume valor igual a 1 para mulheres ocupadas; e 0 caso contrário.
Renda domiciliar per capita	Variável contínua	Nível de renda que varia entre 0 e R\$90.500,00.
Escolaridade	Variáveis dummies	Educ1: Assume valor igual a 1 se o nível de instrução mais elevado alcançado pela entrevistada seja nenhuma instrução; e 0 caso contrário (REFERÊNCIA). Educ2: Assume valor igual a 1 se o nível de instrução mais elevado alcançado pela entrevistada seja o ensino fundamental incompleto; e 0 caso contrário. Educ3: Assume valor igual a 1 se o nível de instrução mais elevado alcançado pela entrevistada seja o ensino fundamental completo; e 0 caso contrário. Educ4: Assume valor igual a 1 se o nível de instrução mais elevado alcançado pela entrevistada seja o ensino médio incompleto; e 0 caso contrário. Educ5: Assume valor igual a 1 se o nível de instrução mais elevado alcançado pela entrevistada seja o ensino médio completo; e 0 caso contrário. Educ6: Assume valor igual a 1 se o nível de instrução mais elevado alcançado pela entrevistada seja o ensino superior incompleto; e 0 caso contrário. Educ7: Assume valor igual a 1 se o nível de instrução mais elevado alcançado pela entrevistada seja o ensino superior completo; e 0 caso contrário.
Estado civil	Variáveis dummies	Casada: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja casada; e 0 caso contrário (REFERÊNCIA). Divorciada ou separada: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja divorciada ou separada; e 0 caso contrário. Viúva: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja viúva; e 0 caso contrário. Solteira: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja solteira; e 0 caso contrário.
Regiões brasileiras	Variáveis dummies	Norte: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja residente da região norte; e 0 caso contrário. Nordeste: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja residente da região nordeste; e 0 caso contrário. Sudeste: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja residente da região sudeste; e 0 caso contrário. Centro-oeste: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja residente da região centro-oeste; e 0 caso contrário. Sul: Assume valor igual a 1 caso a entrevistada seja residente da região sul; e 0 caso contrário (REFERÊNCIA).
Filhos	Variável dummy	Assume valor igual a 1 para mulheres que tiveram partos; e 0 caso contrário.

Fonte: Elaboração própria.

Ademais, é necessária a estimação posterior dos efeitos marginais com o intuito de analisar os efeitos percentuais das variáveis explicativas sobre a variável dependente, que são passíveis de interpretação estatística, apresentados abaixo:

$$\frac{\partial \Pr(y_i=1)}{\partial x} = \Phi(x'\alpha), \text{ para } \Pr(y_i = 1) \quad (4)$$

$$\frac{\partial \Pr(y_i=0)}{\partial x} = -\Phi(x'\alpha), \text{ para } \Pr(y_i = 0) \quad (5)$$

3 Resultados e discussão

Análise descritiva

Analisando descritivamente, a amostra considerou 44.590 mulheres entrevistadas pelo questionário da PNS de 2019. Ressalta-se que o tamanho da amostra é representativo na pesquisa em questão, assegurando a generalização dos resultados. Entre das mulheres entrevistadas, verificou-se que aproximadamente 13,49% foram diagnosticadas com depressão por profissionais da saúde.

Além disso, cerca de 5,98% mulheres afirmaram ter sofrido violência conjugal no último ano. Das 8.120 mulheres que sofreram essa modalidade de violência, 4.686, ou seja, em torno de 57,51% delas relataram a ocorrência na residência, configurando-se a violência doméstica. Como proxy da violência doméstica, -considera-se a violência conjugal, correspondente a cerca de 31,33% de todos os casos, em que as mulheres vítimas de violência relataram que os autores das agressões foram cônjuges, ex-cônjuges, companheiros, ex-companheiros, parceiros, ex-parceiros, namorados e ex-namorados. Para fins desta pesquisa, a Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas de acordo com as variáveis selecionadas no estudo.

Tabela 1 - Estatísticas descritivas da pesquisa

Variável	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Depressão	0,1349	0,3416	0	1
Violência doméstica contra a mulher	0,0598	0,2371	0	1
Cor	0,6228	0,4847	0	1
Urbano	0,8099	0,3924	0	1
Idade	47,9655	17,295	18	107
Ocupação	0,5311	0,4990	0	1
Renda domiciliar per capita	1537,36	2494,572	0	90.500
Educ1	0,0805	0,2721	0	1
Educ2	0,3019	0,4591	0	1
Educ3	0,0710	0,2569	0	1
Educ4	0,0569	0,2316	0	1
Educ5	0,2723	0,4451	0	1
Educ6	0,0443	0,2058	0	1
Educ7	0,1730	0,3782	0	1
Casada	0,3487	0,4766	0	1
Divorciada/separada	0,1012	0,3016	0	1
Viúva	0,5501	0,4974	0	1
Solteira	0,4148	0,4926	0	1
Partos	0,9805	0,1383	0	1
Nordeste	0,3545	0,4784	0	1
Sudeste	0,2227	0,4160	0	1
Centro-oeste	0,1149	0,3189	0	1
Norte	0,1837	0,3872	0	1
Sul	0,1242	0,3298	0	1

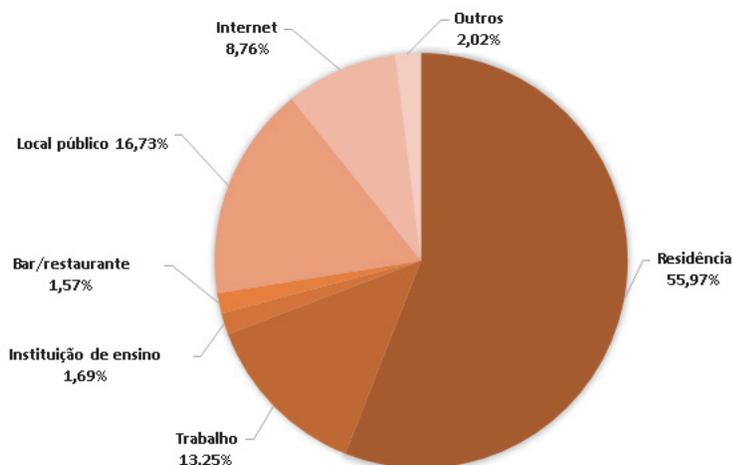
Fonte: Elaboração própria.

Em relação à cor, 62,2% das mulheres se autodeclaravam como pretas ou pardas. No que tange ao local de residência das entrevistadas, 80,99% delas residiam na área urbana e com a idade média de 47,97 anos. Quanto à ocupação, 53,11% estavam trabalhando e apresentavam como média de renda domiciliar per capita a cifra de aproximadamente R\$1.537,36. Adicionalmente, o nível de escolaridade das mulheres apresentou heterogeneidade, sendo que 8,05% não possuíam nenhuma instrução, 30,19% tinham o ensino fundamental incompleto e 7,10% ensino fundamental completo. Outrossim, 5,69% possuíam ensino médio incompleto, 27,2%% ensino médio completo, 4,43% ensino superior incompleto e 17,30% finalizaram o ensino superior.

Ademais, as mulheres casadas corresponderam a 34,87% das entrevistadas, sendo as divorciadas ou separadas 10,12%, as viúvas cerca de 55,01% e as solteiras representaram 41,48% do total da amostra. Já 98,05% das mulheres realizaram algum parto e a respeito da região de residência, 35,45% residiam na região Nordeste, 22,27% no Sudeste, 11,49% no Centro-oeste, 18,37% no Norte e 12,42% no Sul.

Para mais, os Gráficos 1 e 2 apresentam os locais de ocorrências das agressões e os violentadores das mulheres, destacando-se a proeminência de casos de violência doméstica contra a mulher no Brasil.

Gráfico 1 - Local da ocorrência das agressões sofridas pelas mulheres na amostra



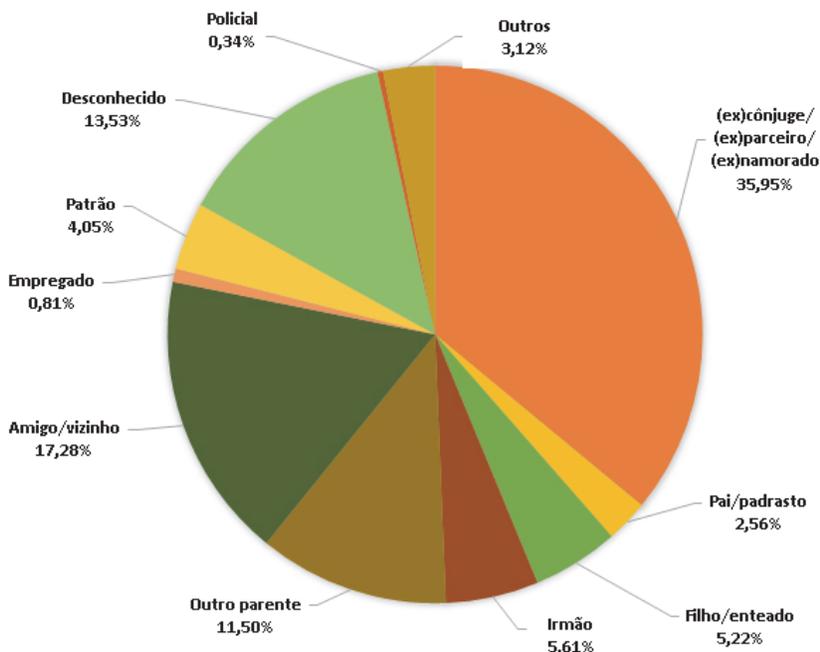
Fonte: Elaboração própria, baseada nos dados da PNS (2019). (2024).

Por meio das médias condicionais, realizou-se análise prévia da relação entre violência conjugal e incidência de transtorno depressivo. Para tal, dividiu-se a amostra em dois grupos: mulheres diagnosticadas com depressão e que relataram terem sido vitimizadas e mulheres com diagnóstico de depressão e que não relataram violência. Dessa forma, a Tabela 2 apresenta a média das variáveis explicativas incluídas no modelo econométrico condicionadas ao diagnóstico de depressão, com o intervalo de confiança de 95%, de acordo com os critérios estabelecidos.

Assim, conclui-se que aproximadamente 23,19% das mulheres entrevistadas diagnosticadas com depressão explicitaram vitimização por violência conjugal, vide cerca de 12,89% que não foram diagnosticadas

com depressão. Esse resultado se assemelha aos achados de Adeodato *et al.* (2005), Chuang *et al.* (2012), Kim e Lee (2013), Mendonça e Ludermir (2017), Brito, Eulálio e Júnior (2020), Chandan *et al.* (2020), Guzmán-Rodríguez *et al.* (2021) e Santos (2022), à medida em que indicam existência de relação direta entre os referidos fenômenos.

Gráfico 2 - Autores das agressões sofridas pelas mulheres na amostra



Fonte: Elaboração própria, baseada nos dados da PNS (2019). (2024).

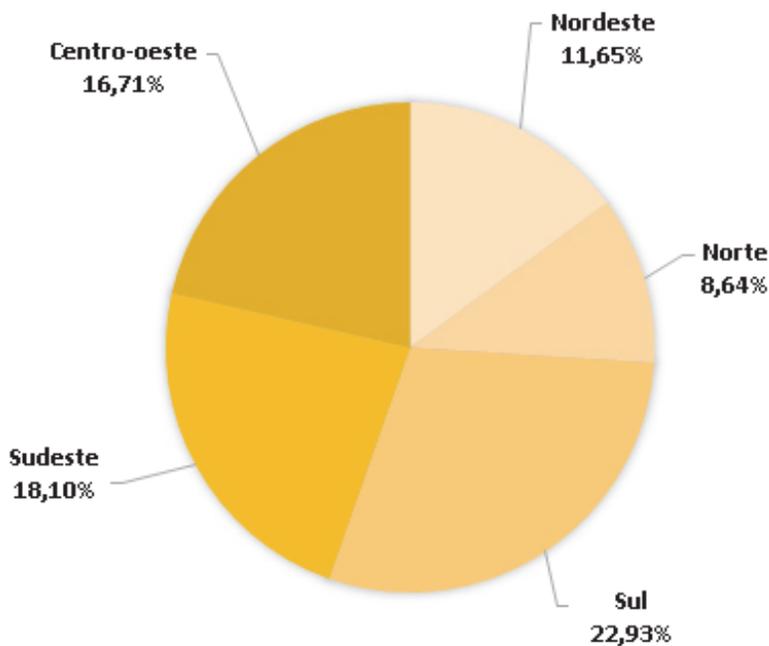
Além disso, considerando-se as demais variáveis de controle, destaca-se que as mulheres diagnosticadas com depressão, em sua maioria, são brancas ou amarelas, não estão ocupadas no mercado de trabalho assalariado, são divorciadas ou separadas, residem no meio urbano, não realizaram nenhum parto e estão em idade adulta. Por sua vez, no que tange as dummies de escolaridade, essas não possuem uma relação estatística bem definida com o diagnóstico de depressão.

Tabela 2 - Variáveis explicativas incluídas no modelo econométrico condicionadas ao diagnóstico de depressão.

Variável	Média (depressão = 0)	Média (depressão = 1)
Violência doméstica contra a mulher	0,1289	0,2283
Urbano	0,1118	0,1403
Cor	0,1622	0,1184
Ocupação	0,1433	0,1275
Educ1	0,1375	0,1055
Educ2	0,1277	0,1515
Educ3	0,1346	0,1383
Educ4	0,1358	0,1194
Educ5	0,1409	0,1187
Educ6	0,1351	0,1310
Educ7	0,1318	0,1497
Casada	0,1331	0,1381
Divorciada/separada	0,1273	0,2021
Viúva	0,1525	0,1205
Solteira	0,1521	0,1106
Idade	47,5424	50,6786
Renda domiciliar per capita	1497,955	1790,069
Partos	0,1563	0,1345

Fonte: Elaboração própria. (2024).

Adicionalmente, em relação ao diagnóstico de mulheres com depressão de acordo com as regiões geográficas brasileiras, o Gráfico 3 demonstra que 22,93% residem no Sul do país, seguido pelas regiões Sudeste, Centro-oeste, Nordeste e Norte. Isso denota a proeminência de casos de depressão no Brasil de acordo com a territorialidade.

Gráfico 3 – Diagnóstico de depressão por região brasileira

Fonte: Elaboração própria, baseada nos dados da PNS (2019). (2024).

Resultados econométricos

Nesta seção, são apresentados os resultados econométricos de acordo com o modelo *Probit* estimado anteriormente. Além disso, estimou-se os efeitos marginais das variáveis explicativas em relação à variável dependente, considerando-se erros padrão robustos. Dessa forma, a Tabela 3 apresenta os valores estimados para os coeficientes e efeitos marginais.

Tabela 3 - Resultados econométricos

Variável	Coefficiente	Efeito marginal
Violência doméstica contra a mulher	.4483*** (.0586)	.1024
Cor	-.0573 ^{NS} (.0311)	-.0131
Urbana	.0289 ^{NS} (.0345)	.0066
Idade	.0055*** (.0011)	.0012
Ocupação	-.0500 ^{NS} (.0343)	-.0114
Renda domiciliar per capita	-.0000 ^{NS} (.0000)	.0000
Educ2	.2304*** (.0558)	.0526
Educ3	.1549** (.0730)	.0354
Educ4	.2127** (.0837)	.0486
Educ5	.1014 ^{NS} (.0629)	.02317
Educ6	.1928** (.0908)	.0440
Educ7	.1550** (.0678)	.0354
Divorciada/separada	.2243*** (.0462)	.0512
Viúva	-.1316*** (.0439)	-.0300
Solteira	.0618 ^{NS} (.0482)	.0141
Partos	-.0415 ^{NS} (.0882)	-.0094
Nordeste	-.4393*** (.0370)	-.1004
Sudeste	-.2037*** (.0376)	-.0465
Centro-oeste	-.2103*** (.0424)	-.0480
Norte	-.6424*** (.0467)	-.1468
Constante	-1.1467*** (.1255)	-

Fonte: Elaboração própria.

Nota: (a) *** p<0.01, ** p<0.05, *p<0.1; erro padrão entre parênteses; "NS" = não significativo. (b) o peso amostral foi considerado nas estimações.

De acordo com a referida tabela, considerou-se como variáveis significativas aquelas com nível de significância de no máximo 10%. Isso posto, as variáveis estatisticamente significativas – aquelas que se relacionam com o diagnóstico da depressão – foram as seguintes: violência doméstica contra a mulher, idade, Educ2, Educ3, Educ4, Educ6, Educ7, divorciada/ separada, viúva e as dummies regionais.

Sendo assim, o principal resultado denota que quanto mais recorrente forem os casos de violência doméstica contra a mulher, maiores são as chances de elas serem diagnosticadas com depressão. Isso vai ao encontro dos estudos de Abass, Baiee e Al-Hadrawi (2018), Bonomi *et al.* (2006), Chuang *et al.* (2012), Mozammi *et al.* (2017), Deyessa *et al.* (2009), Kim e Lee (2013), Mugoya *et al.* (2017), Özyurt e Devenci (2011) e Watkins *et al.* (2014), nos quais os autores apontam a existência de estreita relação entre esses fenômenos em diferentes lugares do mundo. Desse modo, a realidade brasileira se enquadra nesses resultados, uma vez que o acometimento por depressão em vítimas de violência doméstica é um problema complexo, multifacetado e mundial.

Em relação aos efeitos marginais, a violência doméstica contra a mulher aumenta em 10,24 pontos percentuais (pp) a probabilidade de elas serem diagnosticadas com depressão. Isso pode ser explicado por meio do sofrimento psíquico das vivências violentas, uma vez que quanto maior a exposição das mulheres a esse contexto, mais elas possuem prejuízos em sua saúde mental e apresentam maiores chances de desenvolver depressão. Para além das consequências físicas da violência doméstica, como problemas de saúde, gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis, estão as consequências psíquicas. Estas, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de transtornos mentais, tal qual a depressão (Chandan *et al.*, 2020, Aguerrebe *et al.*, 2021, Santos; Monteiro, 2018).

Logo, coloca-se em destaque a dimensão do agravante psíquico que as mulheres vítimas de violência doméstica vivenciam. Assim, compreende-se que os problemas cognitivos e emocionais desenvolvidos por essas mulheres se devem ao fato de elas estarem imersas constantemente em um relacionamento violento e não conseguirem se desvincular deste (Baldin, 2020). Com isso, esses quadros começam a se agravar até que a mulher se sinta incapaz, inútil e sem autoestima para lidar com suas próprias questões. E é nesse contexto que os transtornos mentais começam a se desenvolver, impossibilitando que as mulheres vítimas de violência doméstica tenham uma rede de apoio saudável, sejam independentes e tenham uma boa qualidade de vida. A sensação de desamparo, o medo recorrente, a insegurança, a baixa

autoestima e a passividade fazem com que essas mulheres continuem em constante sofrimento psicológico, desenvolvendo sintomas de depressão, ansiedade e estresse (Goês, 2019, Brito; Eulálio; Júnior, 2020).

Sobre a idade, quanto maior a idade, aumenta-se a probabilidade de diagnóstico de depressão em 0,12 pontos percentuais (pp). Estudos encontrados na literatura apresentam convergências, visto que alguns autores declaram que a depressão ocorre com maior incidência entre jovens (Moura; Netto; Souza, 2012, Oliveira *et al.*, 2022) e outros afirmam ocorrer mais na idade economicamente ativa (Vorcaro *et al.*, 2001, Andrade *et al.*, 2003, Bromet *et al.*, 2011, Munhoz, 2012). Isso acontece porque a depressão é um transtorno mental multifacetado, envolvendo fatores psicológicos, fisiológicos e sociais.

Em relação a escolaridade, as mulheres que possuem ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino superior incompleto e ensino superior completo possuem, respectivamente 5,26 pp, 3,54 pp, 4,86 pp, 4,40 pp e 3,54 pp a mais de terem depressão em comparação àquelas que não possuem nenhum nível de instrução. Esse resultado se assemelha aos encontrados na literatura, à medida que autores encontram risco elevado de desenvolver depressão em pessoas com escolaridade inferior (Gonçalves *et al.*, 2018; Vignola, 2019; Cabral, Jesus, 2022). Com isso, pode-se inferir que a baixa escolaridade afeta significativamente o diagnóstico do transtorno em questão. Isso pode ser explicado porque o acesso restrito à informação prejudica o estado de humor, provocando sintomas depressivos (Gusmão *et al.*, 2021).

No que se refere ao estado civil, as mulheres que são divorciadas ou separadas apresentam 5,12 pp a mais de terem depressão em comparação às mulheres casadas. Adicionalmente, as viúvas têm 3% a menos chances de serem diagnosticadas com a doença em relação às casadas. Esse resultado se assemelha aos encontrados na literatura, dado que os autores destacados também encontraram o risco aumentado para obter o diagnóstico de depressão em indivíduos divorciados ou separados (Boing *et al.*, 2012, Molina *et al.* 2012, Carvalho, 2016). Isso pode ser explicado por meio do entendimento de que mesmo após o divórcio, as mulheres experienciam ameaças e perseguições pelos ex-parceiros. Diante desse contexto, emerge-se o medo e a angústia constantes, gerando mais adoecimento mental e contribuindo para o desenvolvimento da depressão (Silva *et al.*, 2021).

Por fim, quanto ao local de residência, todas as regiões apesar de serem significativas possuem o coeficiente negativo. Assim, as demais localidades apresentam menor probabilidade de possuírem diagnóstico de transtorno

depressivo em relação à região Sul, sendo 10,04 pp no Nordeste, 4,65 pp no Sudeste, 4,8 pp no Centro-oeste e 14,68 pp no Norte. No tocante a essas dummies regionais, a pesquisa de Vigitel (2021) apontou que as cidades de Porto Alegre, Florianópolis, Campo Grande e Curitiba representam as maiores taxas de depressão do país. Essas cidades possuem em comum a localização na região sul brasileira (Ministério da Saúde, 2021). Com isso, compreende-se que as alterações de humor podem acontecer associadas a eventos climáticos, como o frio do inverno/outono.

Essa é a característica da sazonalidade, na qual os episódios depressivos aparecem concomitante a determinada estação do ano. Dessa maneira, os sintomas mais comuns são perda de energia, descontrole alimentar, fadiga e sonolência excessiva (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2014). Sendo a região sul aquela com as temperaturas mais baixas no Brasil, o fator climático influencia no grande número de casos de depressão (Bruno; Castelo-Branco; Lopez, 1994, Kerr-Corrêa; Souza; Calil, 1995).

Além disso, outro aspecto associado é a estrutura do sistema de saúde dessas localidades. Com esse sistema mais bem consolidado, as notificações de sintomas depressivos e a realização do diagnóstico e de tratamento se tornam mais possíveis de serem feitas. Ademais, os residentes dessa região buscam mais os serviços de saúde, e logo, são mais diagnosticados. Esses fatores permitem a compreensão do aumento de casos de depressão no sul do país. Portanto, a questão do desenvolvimento econômico e do investimento em recursos nessa área impactam nas ocorrências de depressão e tentativas de suicídios (Bastos *et al.*, 2011, Giovanella *et al.*, 2012).

Com relação às variáveis que não foram estatisticamente significativas, compreende-se na análise descritiva evidenciada o fato de elas não estarem relacionadas com a variável dependente de depressão por apresentarem poucas diferenças de média entre si. Isso contribui para que nos resultados econométricos elas não apresentem relação estatisticamente significativa e bem definida.

4 Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a associação entre violência doméstica contra a mulher autodeclarada e o diagnóstico de depressão. Para isso, utilizou-se a metodologia quantitativa da análise descritiva e do modelo econométrico Probit, segundo os microdados da Pesquisa Nacional de Saúde do ano de 2019 com as informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde.

Assim, concluiu-se que as mulheres vítimas de violência doméstica possuem maiores chances de serem diagnosticadas com depressão, visto que a constante exposição ao cenário violento provoca prejuízos severos em sua saúde mental. Isso foi explicado pelos sofrimentos intensos que as vítimas estiveram submetidas, agravando cada vez mais a sua condição psíquica e, conseqüentemente, culminando em um diagnóstico de transtorno depressivo.

Além disso, constatou-se que existem outros fatores sociodemográficos que influenciam diretamente na probabilidade de as mulheres possuírem diagnóstico de depressão, como residir na região sul do país, estarem em idade adulta, serem divorciadas ou separadas e possuírem baixa escolaridade.

A partir dos resultados, sugere-se a possível implementação de políticas públicas que atendam as demandas das mulheres violentadas. Com o manejo e a prevenção da violência doméstica diminuíram-se as ocorrências de transtornos depressivos advindo da exposição a esse cenário. Porém, para garantir a eficácia dos serviços é necessário que essas políticas sejam constantemente avaliadas. Ademais, é essencial que sejam reforçados os serviços de saúde mental e de proteção às mulheres já existentes de modo que as vítimas conheçam seus direitos e possam sair do ambiente violento.

Correspondente aos dados obtidos, um ponto importante a ser ressaltado enquanto limitação deste estudo é a subnotificação de casos de violência doméstica. Nesse contexto, as mulheres vitimizadas se encontram em estado de medo da realização da denúncia pelos motivos de serem dependentes emocional e economicamente dos agressores. Dessa forma, na maioria das vezes, essas mulheres não denunciam como forma de fazer a manutenção da própria vida. Assim, as taxas reais de casos de violência doméstica passam por esse dificultador, uma vez que o conhecimento é tido somente daquilo que é denunciado. Logo, compreender a estrutura da violência auxilia na busca de ajuda pelas mulheres e na sustentação da sua rede de apoio, sendo esses fatores primordiais para o interrompimento do ciclo de violência e para a preservação da saúde mental.

Ainda nesse contexto, outra limitação deste trabalho é a subnotificação de números de diagnósticos de depressão, uma vez que existe dificuldade no acesso e de procura por serviços de saúde mental. Sendo assim, apenas as pessoas que procuram auxílio de profissionais de saúde recebem de fato o diagnóstico desse transtorno mental. Portanto, a hipótese é de que existem muitas pessoas com depressão, mas que não são diagnosticadas pelos profissionais de saúde.

Referências

ABASS, Hind Tasjeel; BAIEE, Hasan Alwan; AL-HADRAWI, Hayder Hamzah. Association between Domestic Violence and Depression among Women Attending Primary Health Care Center in AL-Hilla City. **Indian Journal of Public Health Research & Development**, Al-Hilla, v. 9, n. 12, set. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330827813_Association_between_Domestic_Violence_and_Depression_among_Women_Attending_Primary_Health_Care_Center_in_AL-Hilla_City. Acesso em: 17 abr. 2023.

ADEODATO, Vanessa Gurgel. *et al.* Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista de Saúde Pública**, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 108-113, jan. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26398466_Qualidade_de_vida_e_depressao_em_mulheres_vitimas_de_seus_parceiros. Acesso em: 17 de abr. 2023.

AGUERREBERE, Mercedes. *et. al.* Intimate partner violence types and symptoms of common mental disorders in a rural community of Chiapas, **Mexico: Implications for global mental-health practice**. PLoS ONE, Chiapas, v. 16, n. 9, set. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354326948_Intimate_partner_violence_types_and_symptoms_of_common_mental_disorders_in_a_rural_community_of_Chiapas_Mexico_Implications_for_global_mental-health_practice. Acesso em: 17 de abr. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento, 5ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/90801>. Acesso em: 17 abr. 2023.

ANDRADE, Laura. *et al.* The epidemiology of major depressive episodes: results from the International Consortium of Psychiatric Epidemiology (ICPE) **Surveys. International Journal of Methods in Psychiatric Research**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 3-21, mar. 2003. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12830306/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

ARAÚJO, Lorna Beatriz Negreiros de. Das origens do patriarcado ao surgimento do movimento feminista: a conscientização da mulher e a quebra de estereótipos machistas. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v.8, n.3, p.1863-1881, abr. 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4779/1840>. Acesso em: 11 jul. 2023.

BALDIN, Vitória Paschoal. A romantização de relacionamentos abusivos em produções de cultura pop do Leste Asiático. Pensata: **Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP**, São Paulo, v.10, n.1, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/article/view/11665>. Acesso em: 07 jul. 2023.

BARROS, Érika Neves. de *et al.* Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. **Ciência e saúde coletiva**, Recife, v. 21, n. 2, fev. 2015. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.org/pdf/csc/2016.v21n2/591-598>. Acesso em: 08 mar. 2023.

BASTOS, Gisele Alsina Nader. *et al.* Utilização de serviços médicos no sistema público de saúde no Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 475-484, jun. 2011. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rsp/v45n3/2332.pdf. Acesso em: 12 mai. 2023

BECK, Aaron Temkin *et al.* An Inventory for Measuring Depression. **Archives Of General Psychiatry**, Philadelphia, v. 4, n. 6, p. 561-571, jun. 1961. Disponível em: <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=1727253>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BOING, Antonio Fernando. Associação entre depressão e doenças crônicas: um estudo populacional. **Revista de Saúde Pública**, Florianópolis, v. 46, n. 4, p. 617-623, ago. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/48330/52189> Acesso em: 14 mar. 2023.

BONOMI, Amy E. *et al.* Intimate Partner Violence and Women's Physical, Mental, and Social Functioning. **American Journal of Preventive Medicine**, Washington, v. 30, n. 6, p. 458-466, jun. 2006. Disponível em: https://www.cvpsd.org/domestic-violence-nj?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjws560BhCuARIsAHMqE0HtdXlJJFAinspvcwyxX2FKrcpJSk2ppYbySVILw9BRMbrNT-nV8laAuXZEALw_wcB. Acesso em: 17 abr. 2023.

BRASIL, **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRASIL, **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015 (Lei do Feminicídio). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRITO, Joana Christina de Souza; EULÁLIO, Maria do Carmo; JÚNIOR, Edivan Gonçalves da Silva. A Presença de Transtorno Mental Comum em Mulheres em Situação de Violência Doméstica. **Contextos Clínicos**, Paraíba, v. 13, n. 1, jan. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822020000100011. Acesso em: 07 fev. 2023.

BROMET, Evelyn. *et al.* Cross-national epidemiology of DSM-IV major depressive episode. **BMC Medicine**, Nova Iorque, v. 9, n. 90, jul. 2011. Disponível em:

<https://bmcmedicine.biomedcentral.com/articles/10.1186/1741-7015-9-90>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRUNO, Carlos Augusto Figueira; CASTELO-BRANCO, Alba Lucia; LOPEZ, J. Ramon Rodriguez-Arras. Distúrbio sazonal do humor: revisão da literatura, implicações práticas. **Informação Psiquiátrica**, Campinas, v. 4, n. 13, p. 125-131, out. 1994. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-1571> Acesso em: 22 mai. 2023.

CABA, Lara. *et al.* Depresión y ansiedad en mujeres víctimas de violencia en la relación de pareja. **Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento**, Almería, v. 11, n. 1, p. 1-8, abri. 2019. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/racc/article/view/21864>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CABRAL, Ravana da Silva; JESUS, Poliana Pedroso Holanda de. A repercussão do perfil sociodemográfico em pacientes com depressão atendidos em um centro de atenção psicossocial do Recife. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v.3, n.1, fev. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26600>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CARVALHO, Valdirene Pereira da Silva. **Análise da relação entre o estilo de vida da população economicamente ativa e a prevalência da depressão**. 2016. Dissertação (Mestrado em Gestão e Economia da Saúde) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18680>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CHANDAN, Joht Singh. *et al.* Female survivors of intimate partner violence and risk of depression, anxiety and serious mental illness. **The British Journal of Psychiatry**, Birmingham, v. 217, p. 562-567, jun. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31171045/>. Acesso em: 16 fev. 2023.

CHUANG, Cynthia H. *et al.* Longitudinal association of intimate partner violence and depressive symptoms. **Mental Health in Family Medicine**, Hershey, v. 9, n. 2, p. 107-114, jun. 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3513703/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CORDEIRO, Marinês Domingues. Reflexões da história do patriarcado para esses tempos de pós-verdade. **Caderno Brasileiro De Ensino De Física**, 37(3), 1374-1403, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2020v37n3p1374>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CORREIA, Cíntia Mesquita. *et al.* Sinais de risco para o suicídio em mulheres com história de violência doméstica. **Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, Salvador, v.14, n.4, p.219-225, dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/151401>. Acesso em: 03 jun. 2023.

COSTA, Renata Gomes da; RAFAEL, Josiley Carrijo. Questão social e sua particularidade no Brasil: imbricação entre patriarcado-racismo-capitalismo. **Temporalis**, Vitória, v.21, n.42, p.77-93, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n42p77-93>. Acesso em: 03 jun. 2023.

DEYESSA, Negussie. *et al.* Intimate partner violence and depression among women in rural Ethiopia: a cross-sectional study. **Clinical Practice and Epidemiology in Mental Health**, Adis Abeba, v. 5, n. 8, abr. 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2689215/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FRAZÃO, Maria Cristina Lins de Oliveira *et al.* Violência em mulheres com diagnóstico de depressão. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v.23, n.1, ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/remef/article/view/49805>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GIOVANELLA, L. *et al.* **Políticas e sistemas de saúde no Brasil**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/https://books.scielo.org/id/c5nm2/pdf/giovanella-9788575413494.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2023.

GOÉS, Eva Dayane Almeida de. A vergonha social e o medo: obstáculos para a superação da violência doméstica contra a mulher. **Brazilian Journal of Development**, Ilhéus, v.5, n.11, p.23627-23645, nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n11-069>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GOMES, Nadirlene Pereira. *et al.* Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravo. **Saúde em Debate**, Salvador, v.36, n.95, p.514-522, dez. 2012.

GONÇALVES, Angela Maria Corrêa. *et al.* Prevalência de depressão e fatores associados em mulheres atendidas pela Estratégia de Saúde da Família. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Juiz de Fora, v. 67, n. 2, abr. 2018. Disponível em: [10.1590/0047-2085000000192](https://doi.org/10.1590/0047-2085000000192). Acesso em: 22 mar. 2023.

GUEDES, Daniele Ramos; BISPO, Elielma dos Santos; NOBRE, Leda Maria Aquino Farias. Depressão, o mal do século: prevalência de depressão e os fatores associados em mulheres - uma revisão de literatura. **Revista científica saúde e tecnologia**, Jundiá, v.2, n.2, fev. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.53612/recisatec.v2i2.77>. Acesso em: 22 mar. 2023.

GUIMARÃES, Renata Cavalcante Santos. *et al.* Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. **Revista Cuidarte**, Campina Grande, v.9, n.1, p.1988-1997, jan. 2018. Disponível em: <https://revistas.udes.edu.co/cuidarte/article/view/438>. Acesso em: 30 mai. 2023.

GUSMÃO, Ricardo Otávio Maia *et al.* Depressão em pacientes atendidos em serviço de saúde mental: fatores associados e diagnósticos de enfermagem. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v.17, n.2, p.44-53, jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.171786>. Acesso em: 30 mai. 2023.

GUZMÁN-RODRIGUÉZ, Cecilia. *et al.* Violencia de pareja y depresión en mujeres que trabajan en una institución de salud de México. **Gaceta Sanitaria**, Cuernavaca, v. 35, n. 2, p. 161-167, mar. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337566424_Violencia_de_pareja_y_depresion_en_mujeres_que_trabajan_en_una_institucion_de_salud_de_Mexico. Acesso em: 15 mar. 2023.

JOHNSTON, Jack; DINARDO, John. **Econometric methods**. 4ª edição. New York: McGraw-Hill Pub. Co., 1997. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/355479551/Jack-Johnston-John-DiNardo-Econometric-Methods-Fourth-Edition-pdf>.

KERR-CORRÊA, Florence; SOUZA, Lucijane B; CALIL, Helena Maria. Doenças afetivas e sazonalidade no Brasil. **Revista ABP-APAL**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 122-126, jul. 1995. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-178084>. Acesso em: 22 mai. 2023.

KIM, Jinseok; LEE, Joohee. Prospective study on the reciprocal relationship between intimate partner violence and depression among women in Korea. **Social Science & Medicine**, Seoul, v. 99, p. 42-48, out. 2013. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/eee/socmed/v99y2013icp42-48.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

LABRA-VALERDI, Paloma; CHACÓN-MOSCOSO, Salvador; SANDUVETE-CHAVES, Susana. Predictive Factors of Mental Health in Survivors of Intimate Partner Violence in Chile. **Journal of Interpersonal Violence**, Santiago, v. 37, p. 21-22, out. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/355776296_Predictive_Factors_of_Mental_Health_in_Survivors_of_Intimate_Partner_Violence_in_Chile. Acesso em: 16 fev. 2023.

LAJARA, M. de P. **Dinâmica psíquica de mulheres em situação de violência doméstica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/METO_fa6e29e7a1cf6ccfa5bd031c69490ab6. Acesso em: 16 fev. 2023.

LÖVESTAD, Solveig. *et al.* Prevalence of intimate partner violence and its association with symptoms of depression; a cross-sectional study based on a female population sample in Sweden. **BMC Public Health**, Gotemburgo, v. 17,

n. 335, abr. 2017. Disponível em: <https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-017-4222-y>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MARTINÉZ, Sebastián Llosa; WASSER, Alicia Canetti. Depressión e ideación suicida en mujeres víctimas de violencia de pareja. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Montevideu, v. 9, n. 1, p. 178-204, mai. 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1091824>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MAZZA, Marianna. *et al.* Intimate partner violence: A loop of abuse, depression and victimization. **World Journal of Psychiatry**, Roma, v. 11, n. 6, p. 215-221, jun. 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8209536/> Acesso em: 15 mar. 2023.

MENDONÇA, Marcela Franklin Salvador de; LUDERMIR, Ana Bernarda. Violência por parceiro íntimo e incidência de transtorno mental comum. **Revista de Saúde Pública**, Recife, v. 51, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/132860>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**: Estimativas sobre frequência e distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para doenças crônicas nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal em 2021, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vigitel/vigitel-brasil-2021-estimativas-sobre-frequencia-e-distribuicao-sociodemografica-de-fatores-de-risco-e-protecao-para-doencas-cronicas/view>. Acesso em: 09 mai. 2023.

MOLINA, Mariane Ricardo Acosta Lopez *et al.* Prevalência de depressão em usuários de unidades de atenção primária. **Revista de Psiquiatria Clínica**, Pelotas, v. 39, n. 6, p. 194-197, 2012. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-661088>. Acesso em: 09 mai. 2023.

MOULDING, Nicole. *et al.* Rethinking Women's Mental Health After Intimate Partner Violence. **Violence Against Women**, Adelaide, v. 27, p. 1-27, jun. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341944383_Rethinking_Women's_Mental_Health_After_Intimate_Partner_Violence. Acesso em: 22 mai. 2023.

MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos; NETTO, Leônidas de Albuquerque; SOUZA, Maria Helena Nascimento. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, set. 2012. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-649399>. Acesso em: 09 mai. 2023.

MOZAMMI, R. *et al.* Domestic violence: A study of depression, battering and associated factors in married women in Primary Healthcare from Pakistan. **Medical Forum Monthly**, LOCAL, v. 28, n. 5, p. 170-173, mai. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319099102_Domestic_violence_A_study_of_depression_battering_and_associated_factors_in_married_women_in_Primary_Healthcare_from_Pakistan. Acesso em: 17 abr. 2023.

MUGOYA, George C. T. *et al.* Depression and Intimate Partner Violence Among African American Women Living in Impoverished Inner-City Neighborhoods. **Journal of Interpersonal Violence**, Tuscaloosa, v. 35, n. 3-4, p. 899-923, fev. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334752496_Depression_and_Intimate_Partner_Violence_among_Urban_Kenyan_Caregivers_of_Children_with_Disabilities. Acesso em: 17 abr. 2023.

MUNHOZ, T. N. **Prevalência e fatores associados à depressão em adultos: estudo de base populacional.** Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1944?show=full>. Acesso em: 17 abr. 2023.

NASCIMENTO, Vagner Ferreira do. *et al.* Desafios no atendimento aos casos de violência doméstica contra a mulher em um município Matogrossense. **Arquivos De Ciências Da Saúde Da UNIPAR**, v.23, n.1, fev. 2019. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/6625>. Acesso em: 17 abr. 2023.

NAVARRO-MANTAS, Laura; LEMUS, Soledad de; MEGÍAS, Jesús L. Mental Health Consequences of Intimate Partner Violence Against Women in El Salvador. **Violence Against Women**, San Salvador, v. 27, p. 1-18, jan. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348502121_Mental_Health_Consequences_of_Intimate_Partner_Violence_Against_Women_in_El_Salvador. Acesso em: 16 fev. 2023.

OLIVEIRA, Daniel Vincentini de. *et al.* A idade como preditora de ansiedade e depressão de adultos brasileiros durante a pandemia da covid-19. **ConScientiae Saúde**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 1-12, jan. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360753626_A_idade_como_preditora_de_ansiedade_e_depressao_de_adultos_brasileiros_durante_a_pandemia_da_Covid-19. Acesso em: 11 jul. 2023.

ORREGO, Sara; HINCAPIÉ, Gloria María Sierra; RESTREPO, Diana. Mental disorders in the context of trauma and violence in a population study. **Revista Colombiana de Psiquiatria**, Medellín, v. 49, n. 4, p. 262-270, out. 2020. Disponível em: <https://www.elsevier.es/en-revista-revista-colombiana-psiquiatria-english-edition--479-articulo-mental-disorders-in-context-trauma-S2530312020300904>. Acesso em: 15 mar. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Violência contra as mulheres**, 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women#:~:text=A%20viol%C3%AAncia%20contra%20mulheres%20e%20meninas%20%C3%A9%20um%20problema%20de,governo%20e%20da%20sociedade%20civil>. Acesso em: 03 mai. 2023.

ÖZYURT, Beyhan Cengiz; DEVECI, Artuner. The Relationship between Domestic Violence and the Prevalence of Depressive Symptoms in Married Women between 15 and 49 Years of Age in a Rural Area of Manisa, Turkey. **Turkish Journal of Psychiatry**, Manisa, v. 22, n. 1, p. 10-16, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/50229327_The_Relationship_between_Domestic_Violence_and_the_Prevalence_of_Depressive_Symptoms_in_Married_Women_between_15_and_49_Years_of_Age_in_a_Rural_Area_of_Manisa_Turkey Acesso em: 17 abr. 2023.

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE (PNS). **Informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde**: Brasil, grandes regiões e unidades da federação/IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101748> Acesso em: 28 fev. 2023.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD). **Violência doméstica e familiar contra a mulher**, 2015. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html> Acesso em: 02 mai. 2023.

SANTOS, Cristina Vianna Moreiras dos; IRINEU, Bruna Andrade. Violência contra mulheres e promoção de saúde mental na comunidade. **Revista NUFEN**, São Paulo, v.11, n.1, p.232-245, abr. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335010442_VIOLENCIA_CONTRA_MULHERES_E_PROMOCAO_DE_SAUDE_MENTAL_NA_COMUNIDADE Acesso em: 10 mar. 2023.

SANTOS, Ariane Gomes dos; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. Domains of common mental disorders in women reporting intimate partner violence. **Revista latino-americana de enfermagem**, Teresina, v. 26, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329333438_Domains_of_common_mental_disorders_in_women_reporting_intimate_partner_violence Acesso em: 06 fev. 2023.

SANTOS, J. B. dos. Efeitos da violência doméstica na saúde mental da mulher cisgênero. 2022. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – **Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/54922> Acesso em: 06 fev. 2023.

SCHRAG, Rachel J. Voth; ROBINSON, Sarah R.; RAVI, Kristen.

Understanding Pathways within Intimate Partner Violence: Economic Abuse, Economic Hardship, and Mental Health. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, Arlington, v. 28, n. 2, p. 222-242, out. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329067166_Understanding_Pathways_within_Intimate_Partner_Violence_Economic_Abuse_Economic_Hardship_and_Mental_Health. Acesso em: 08 mar. 2023.

SENICATO, Caroline; AZEVEDO, Renata Cruz Soares de; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. Transtorno mental comum em mulheres adultas: identificando os segmentos mais vulneráveis. **Ciência e Saúde Coletiva**, Campinas, v. 23, n. 8, ago. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327048958_Transtorno_mental_comum_em_mulheres_adultas_identificando_os_segmentos_mais_vulneraveis. Acesso em: 06 fev. 2023.

SIGNORELLI, Maria Salvina. Depression, PTSD and alexithymia in victims of intimate partner violence: a case-control study. **Archives of Clinical Psychiatry**, Catânia, v. 47, n. 2, p. 45-50, jan. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/acp/article/view/180671>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, Ana Fernanda Carnellosso. *et al.* Violência doméstica contra a mulher: contexto sociocultural e saúde mental da vítima. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, LOCAL, v.3, jan. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338426428_Violencia_domestica_contra_a_mulher_contexto_sociocultural_e_saude_mental_da_vitima. Acesso em: 22 mar. 2023.

SILVA, Kelliane Vieira da. *et. al.* Experiências de violência e desordens psicológicas sofridas por mulheres violentadas pelo ex-parceiro. **Revista portuguesa de enfermagem de saúde mental**, Cariri, v. 26, p. 92-108, dez. 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1361120>. Acesso em: 07 fev. 2023.

SILVA, Susan de Alencar. *et. al.* Analysis of domestic violence on women's health. **Journal of Human Growth and Development**, Paraíba, v. 25, n. 2, p. 182-186, out. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282837082_Analysis_of_domestic_violence_on_women's_health. Acesso em: 06 fev. 2023.

SILVEIRA, Érica Melicia da Silva. A ruptura com o patriarcado em prol da luta contra todas as formas de violência contra as mulheres. **Revista de Direito Magis**, Betim, v. 2, n. 1, set. 2023. Disponível em: <https://periodico.agej.com.br/index.php/revistamagis/article/view/32>. Acesso em: 5 jul. 2024. Acesso em: 06 fev. 2023.

TEIXEIRA, Júlia Magna da Silva; PAIVA, Sabrina Pereira. Violência contra a mulher e adoecimento mental: Percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. *Physis*: **Revista de Saúde Coletiva**, Juiz

de Fora, v. 31, n. 2, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/resource/pt/biblio-1287542>. Acesso em: 07 fev. 2023.

VIGNOLA, Rose Claudia Batistelli. **Escala de depressão, ansiedade e estresse (DASS) do Brasil**: adaptação e aplicabilidade para baixa escolaridade. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/59253>. Acesso em: 07 fev. 2023.

VORCARO, Cláudia Maria Resende., *et al.* Unexpected high prevalence of 1-month depression in a small Brazilian community: the Bambuí Study. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, Belo Horizonte, v. 104, n. 4, p. 257-263, jul. 2001. Disponível em: VERIFICAR Acesso em: 11 jul. 2023.

WATKINS, Laura E. *et al.* The Longitudinal Impact of Intimate Partner Aggression and Relationship Status on Women's Physical Health and Depression Symptoms. **Journal of Family Psychology**, Lincoln, v. 28, n. 5, p. 655-665, ago. 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25133642/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

YUAN, Weiman; HESKETH, Therese. Intimate Partner Violence and Depression in Women in China. **Journal of Interpersonal Violence**, Hangzhou, v. 36, p. 21-22, dez. 2019. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10088440/1/Hesketh_Intimate%20Partner%20Violence%20and%20Depression%20in%20Women%20in%20China_AAM.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

Recebido em setembro de 2023.

Aprovado em julho de 2024.